



# Guaranis suicidas surpreendem o mundo

*Problemas fundiários podem ser a causa do auto-extermínio*

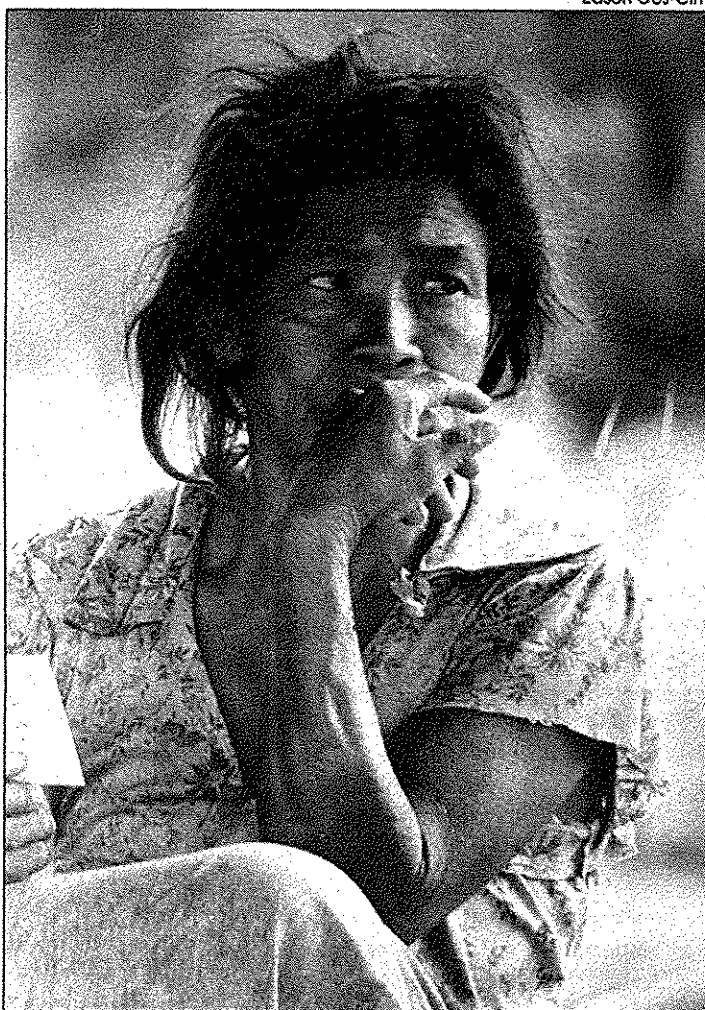
ZILDA FERREIRA

Os kaiowál nhãdeva, subgrupos da grande nação Guarani, são índios considerados sem charme. Paupérrimos, estavam praticamente esquecidos pelas autoridades e pelos intelectuais. De repente, surpreenderam o mundo com o número de suicídios praticados - 231 em dez anos. Em 1995, ocorreram 56 casos. Em 1996, esse número decresceu, mas voltou a crescer no final do ano. No dia 26 de dezembro uma menina de 11 anos se suicidou. A notícia chegava exatamente na hora em que a equipe da *Folha* entrava na sala do administrador regional da Funai, em Amambai, no Mato Grosso do Sul.

Em 1995, quando nossa reportagem passava pela região, a mais ou menos 400 quilômetros de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, lideranças indígenas disseram que iam pedir às mulheres da aldeia que não tivessem mais filhos. Para engrossar o protesto, um deles disse que preferia o suicídio coletivo do que ver o seu povo vivendo como pária. A grande incógnita para os intelectuais é que nunca houve antes na cultu-

ra desse povo a prática de suicídios. O fato é recente. E o pior, a maioria está ocorrendo entre adolescentes.

Além disso, surgiram líderes guaranis que já conseguiram fazer o seu povo permanecer em algumas de suas terras demarcadas e homologadas, ameaçando suicídio coletivo. Os índios chegaram a cavar uma vala para enterrar seu povo, caso fossem despejados de suas terras demarcadas e homologadas pela Presidência da República. Houve grande repercussão internacional e o mesmo juiz cancelou a liminar de despejo.



Edson Gês-Cimi

Para os guaranis o suicídio nem sempre foi uma prática tradicional

Assim, os suicídios dos guaranis têm provocado uma curiosidade intelectual muito grande. Há inúmeros trabalhos, teses e pesquisas sobre o processo de aculturação, a influência das igrejas protestantes, das missões e do Estado, representado pelo extinto SPI - Serviço de Proteção ao Índio e o órgão que o sucedeu, a Funai.

**Problema fundiário** - "Todo mundo sabe que o cerne da questão é o problema fundiário", assegurou o coordenador regional do Conselho Indigenista Missionário - Cimi, de Mato Grosso do Sul, o advogado Nereu Schneider, fornecendo livros e relatórios sobre os suicídios e os conflitos fundiários.

Atualmente, o problema mais grave é o da aldeia Sucury, a 250 quilômetros de Campo Grande, no município de Maracajú. Os índios foram expulsos de suas terras, recentemente demarcadas, e se alojaram em barracas de plástico às margens da BR-267. São 40 da família turipa de uma tribo guarani-kaiowá.

Conforme documento do Cimi, há 200 anos os guaranis eram donos de 14 milhões dos 35 milhões de hectares que possui o Brasil. Atualmente esse povo tem menos de 50 mil hectares. A recuperação por parte dos índios, de algumas áreas com problemas fundiários, tem sido feita com a ajuda de entidades como o Cimi e das lideranças indígenas.

## Cultura e ambiente são destruídos

Cáia a tarde quando chegamos à aldeia Limão Verde. Na beira da rodovia conversamos com um índio. Ele contou muitas histórias, depois reclamou da falta de espírito comunitário e, por fim, confessou que um grande mal dos brancos tinha chegado à aldeia, o estupro, normalmente provocado por alcoolismo e pela miséria.

Entramos um pouco mais na aldeia. Tivemos uma grata surpresa: uma velha índia correu no mato e nos trouxe um galho de guavira, a única fruta silvestre que resta na região. Em troca demos uma camiseta. O rosto dela se iluminou. Mas, de repente, toda tristeza estava de volta. Quando perguntamos pelos homens da tribo, ela ficou em silêncio. Sua nora nos informou que eles estavam trabalhando numa usina. Observamos em volta e no pequeno barraco, várias crianças desnutridas, mulheres jovens desdentadas e maltrapilhas.

Ao entrarmos no coração da aldeia, encontramos propaganda política e a imagem das pequenas casas de alvenaria lembrava a "Cidade de Deus" - que fica na periferia mais pobre do Rio, no início da constru-

ção, quando chegavam os primeiros favelados despejados do centro da "Cidade Maravilhosa", no final da década de 60.

O capitão da tribo, Adolfinho, um índio de 66 anos, vestido com uma camiseta da Funai, defendia o trabalho dos índios nas usinas de álcool. Ele assegurava que não era mais possível a roça comunitária.

Esse quadro contraria toda a tradição dos guarani-kaiowá, que têm um concepção específica da terra. Ela é o esteio da identidade desse povo.

Durante entrevista com o engenheiro agrônomo Lude Simioli Júnior, chefe das atividades produtivas da Funai, em Amambai, ele nos confirmou que esses índios têm tradição como agricultores e a fomentação a essas atividades tem ajudado a diminuir o número de suicídios.

**Denúncia** - À noite, enquanto aguardávamos o ônibus para Campo Grande, recebemos outra denúncia, um jovem nos contou que muitos comerciantes da cidade ficavam com os cartões de aposentadoria do Funrural dos índios e no dia do pagamento apanhavam o dinheiro deles, no posto de re-

cebimento.

Alvarenga, filho do dono do bar da rodoviária, tem uma sorveteria na cidade, por onde passaram figuras como Darcy Ribeiro, e Claudio Romero, entre outros, nos confirmou a denúncia e fez outra. Disse que é comum os índios se irritarem com os carros que passam em alta velocidade. Eles jogam pedras e, como represália, muitos índios são mortos à queima roupa. Além disso, muitos índios já foram atropelados. Isso também tem causado revolta.

Depois de um breve silêncio, o jovem concluiu: discriminados pelos brancos, num lugar onde a riqueza salta aos olhos, sua miséria se torna mais insuportável. Creio que os suicídios são frutos do desespero dos jovens, mas também uma forma de protesto. Em seguida, lembrou que o cerrado é uma grande mesa (forma geográfica), que no passado era cheia de frutas silvestres, diversas caças e rios que desapareceram. No lugar, colocaram soja e gado, mas nessa mesa os índios não têm acento. (Z.F)

## SUMMARY

The Kaiowál Nhãdeva, an impoverished and nearly forgotten subgroup of the Guaraní Indian nation, has shocked the world with the number of suicides committed - 231 in ten years. The latest victim was an 11 year old girl. Leaders of the group told the *Folha* that they have asked the women of the village to not bear more children, protesting that collective suicide would be better than to see their people living as pariahs. The unprecedented suicides have occurred mostly among adolescents. At the root of the problem is the dispute over land ownership. Two hundred years ago the Guaraní commanded over 14 million hectares, now less than 50 thousand hectares. The Guaraní leaders have succeeded in keeping lands for their people by threatening collective suicide. In one case, the Indians dug a ditch for a mass grave in case they were expelled from the land set aside for them by the President of the Republic. As a result of international pressure, the judge in the case rescinded the eviction order.